

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-SOCIOLOGIA**

**ANTONIA ELIANE LOBO CARNEIRO**

**A CIDADE E A PRAÇA  
Interações, práticas e atores sociais da Praça da Bíblia - ACD**

**IMPERATRIZ  
2018**

**ANTONIA ELIANE LOBO CARNEIRO**

**A CIDADE E A PRAÇA**  
**Interações, práticas e atores sociais da Praça da Bíblia - ACD**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas - Sociologia.

**Orientador:** Prof. Doutor Jesus M. Pereira

IMPERATRIZ  
2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Carneiro, Antonia Eliane Lobo.

A CIDADE E A PRAÇA : Interações, práticas e atores sociais da Praça da Bíblia - ACD / Antonia Eliane Lobo Carneiro. - 2018.

58 p.

Orientador(a): Jesus Marmanillo Pereira.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2018.

1. Açailândia. 2. Centralidade. 3. Etnografia de rua. 4. Praça da Bíblia. I. Pereira, Jesus Marmanillo. II. Título.

**ANTONIA ELIANE LOBO CARNEIRO**

**A CIDADE E A PRAÇA**  
**Interações, práticas e atores sociais da Praça da Bíblia - ACD**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas - Sociologia.

**Orientador:** Prof. Doutor Jesus M. Pereira

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Jesus Marmanillo Pereira**  
**Universidade Federal do Maranhão**

---

**Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição**  
**Universidade Federal do Tocantins**

---

**Prof. Me. Cláudia Lima Silva**  
**Universidade Federal do Maranhão**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus por ter me dado saúde, força e perseverança para superar as dificuldades ao longo do curso e poder alcançar essa vitória.

À minha mãe e meu esposo pelo amor, incentivo e constante apoio para que se concretizasse esse dia.

Aos professores do curso de Ciências Humanas, campus CCSST, em especial aos docentes: Manoel Pinto e Alexandre Peixoto, que com seus exemplos de paciência e incentivo foram influenciadores do meu desenvolvimento intelectual e profissional e que pelas ações me inspiram a ser reflexo do conhecimento compartilhado e construído ao longo do processo acadêmico.

Ao meu orientador, Jesus Marmanillo, pela paciência, dedicação, correções e incentivos durante o processo de realização e conclusão da pesquisa contribuindo para meu aperfeiçoamento como educadora pesquisadora.

Aos meus amigos e colegas de turma pelas lembranças que serão eternamente guardadas, em especial, à Joyciane Lopes, Luziane Sousa e Gleydson Alves por todo apoio, carinho e incentivo durante a jornada ufmaniana.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha vida acadêmica, obrigada.

## RESUMO

A presente pesquisa trata da análise dos principais atores que compõem a dinâmica social e espacial da Praça da Bíblia na cidade de Açailândia-MA, especificamente os usos sociais praticados no espaço compreendido entre a Rodovia BR 010 e o bairro Jacu. A pesquisa partiu da hipótese de que é possível compreender a história, as sociabilidades e as formas de apropriação e uso do espaço público de uma cidade, a partir da análise desses locais que geralmente são compreendidos como pontos de encontro. Neste sentido, o estudo foi realizado, a partir de embasamentos teóricos fundamentados numa Etnografia de Rua (ECKERT e ROCHA, 2001), onde foram mapeados os grupos que ocupam a praça, as relações desenvolvidas, práticas, uso e apropriação do espaço público e as principais características sociais dos agentes que compõem o cenário. Para que isso fosse possível fez-se uso do conceito de centralidade (MCKENZIE, 1948 *apud* PEREIRA, 2016, p.2), entendido aqui como os aspectos espaciais e sociais utilizados para compreender os comportamentos, sentidos e situações em que os atores se juntam no referido espaço público. Com tais referenciais, realizamos uma pesquisa de campo nos meses de setembro e outubro de 2016, continuando em março de 2017 e concluído em maio e junho de 2018, onde foram realizados diálogos com os principais atores que ocupam o cenário da praça, assim como a obtenção de registros fotográficos durante as observações diretas e conversas que nos possibilitaram traçar cinco perfis de atores que se relacionam com (e/no) o espaço público.

**Palavras-chave:** Etnografia de rua. Centralidade. Praça da Bíblia. Açailândia

## ABSTRACT

The present research deals with the analysis of the main actors that compose the social and spatial dynamics of the Bible Square in the city of Açailândia - MA, specifically the social uses practiced in the space between the BR 010 Highway and the Jacu neighborhood. The research started from the hypothesis that it is possible to understand the history, the sociabilities and the forms of appropriation and use of the public space of a city from the analysis of those places that are generally understood as points of meeting. In this sense, the study was based on theoretical foundations based on Street Ethnography (ECKERT and ROCHA, 2001), which mapped the groups that occupy the square, developed relations, practices, use and appropriation of the public space and the main characteristics of the agents that make up the scenario. For this to be possible, the concept of centrality was used (MCKENZIE, 1948 *apud* PEREIRA, 2016, p.2), understood here as the spatial and social aspects used to understand the behaviors, senses and situations in which actors come together in said public space. With these references, we carried out a field inclusion in the months of September and October 2016, continuing in March 2017 and concluded in May and June 2018, where dialogues were held with the main actors that occupy the scenario of the square, as well as the obtaining photographic records during the direct observations and dialogues that enabled us to draw five profiles of actors that relate to (and in) the public space.

**Keywords:** Street ethnography. Centrality. Bible Square. Açailândia.

## LISTA DE SIGLAS

ACD - AÇAILÂNDIA

AV - AVENIDA

BR - RODOVIA FEDERAL

MA - MARANHÃO

S/N - SEM NÚMERO

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Feira do Mercado em 1976 .....	23
Imagem 2 - Feira do Mercado em 1976 .....	24
Imagem 3 - Praça do Mercado em Junho de 2018 .....	25
Imagem 4 - Cenário e Fronteiras.....	26
Imagem 5 - Praça do Patizal .....	27
Imagem 6 - Visão Aérea de Trecho com os Limites da Praça.....	30
Imagem 7 - Trecho da Primeira Casa – Predomínio de Instalações Comerciais .	31
Imagem 8 - Croqui com Delimitação do Campo para observação Direta.....	35
Imagem 9 - Cliente e Comerciante.....	37
Imagem 10 - Pastelaria do Sr. Antonio José Cruz.....	39
Imagem 11 - Comerciante e Cliente.....	41
Imagem 12 - Imagem 13 – Barracas, Comerciantes e Clientes .....	43
Imagem 13 - Montagem de Brinquedos .....	43
Imagem 14 - Os Tipos de Comércio na Praça .....	44
Imagem 15 - Lanchonete Itinerante.....	45
Imagem 16 - Cláudio Servindo um Caldo para um Cliente .....	46
Imagem 17 - Observação Próxima.....	47
Imagem 18 - Observação Distante.....	47
Imagem 19 - Pessoas Correndo e Caminhando pela Lateral Oeste da Praça. ....	48
Imagem 20 - A Disputa de Espaço entre Comerciantes e Desportistas .....	49
Imagem 21 - Adventistas.....	51
Imagem 22 - Kardecistas .....	51

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 AS PRAÇAS E SUAS PLURALIDADES .....</b>	<b>19</b>
<b>3 AS PRAÇAS NA HISTÓRIA DA CIDADE DE AÇAILÂNDIA .....</b>	<b>22</b>
<b>4 A PRAÇA DA BÍBLIA: Cenário e Mudanças.....</b>	<b>29</b>
<b>4.1 Centralização, Necessidades e Práticas Sociais.....</b>	<b>35</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os principais atores que compõem a dinâmica social e espacial da Praça da Bíblia, na cidade de Açailândia-MA, mais especificamente os usos sociais que são desenvolvidos no referido logradouro, que está localizado entre a Rodovia BR 010 e o bairro Jacu<sup>1</sup>. Trata-se, assim, de uma pesquisa desenvolvida no âmbito da Sociologia urbana que toma as praças como parâmetro para a compreensão da cidade e de seus atores sociais.

Nessa perspectiva, partiu-se da hipótese de que é possível compreender a história, as sociabilidades e as formas de apropriação e uso do espaço público de uma cidade, a partir da análise desses locais que geralmente são compreendidos como pontos de encontro.

Diante disso, um ponto de partida baseia-se na noção de Centralidade que conforme (MCKENZIE, 1948 *apud* PEREIRA, 2016, p.2) pode ser pensada em situações nas quais as comunidades urbanas são formadas, e quando diversos atores se reúnem e fixam uma espécie de base territorial que serve na determinação dos grupos, ou seja, é uma categoria que pensa os processos associativos em relação às disposições espaciais, e, portanto, necessária para se refletir sobre territorialidades e lógicas sociais que atraem os atores sociais para o referido lugar.

Outra ideia que permeou grande parte da pesquisa foi a de cotidiano, entendida aqui como algo produzido nas interações sociais que ocorrem dia após dia (GOFFMAN, 2013; SCHUTZ, 2012; WHYTE, 2005 *apud* PEREIRA 2016, p.2). Por esse caminho buscou-se delinear um perfil espacial do cenário e dos agentes que ocupam, vivem experiências, constroem percepções e dinamizam a praça, caracterizando assim, o objeto etnográfico da pesquisa.

Além dessas primeiras orientações, a presente pesquisa mobilizou autores especializados em praças como Low (2005) que ofereceu importante contribuição na análise da relação entre espaços públicos e práticas sociais, e entre as Praças e o

---

<sup>1</sup>É importante frisar que o interesse pelo estudo surgiu inicialmente da relação pessoal com o espaço, por ser moradora há 23 anos do bairro Jacu, que faz divisa com o cenário, despertando a curiosidade em compreender as relações que são desenvolvidas no local. Por outro lado, tal pertencimento exigiu um esforço de afastamento e desnaturalização do “olhar” e de percepções sobre as situações, atores e histórias com os quais possuía contato cotidiano.

contexto urbano mais amplo; Pereira (2016a;2015; 2015a 2015b), cujos estudos apontam para a existência de uma centralidade geográfica e histórica da Praça, e que ela também pode ser compreendida como espaço de interações e de relação com o “outro”. Foram considerados também os estudos metodológicos de Eckert e Rocha (2001; 2008), Magnani (1991) e Menezes (2011), cujo método etnográfico é a, grosso modo, focado na captação das práticas sociais e suas relações com a cidade

Tais bases referenciais foram introdutórias para pesquisa em campo que perdurou cinco meses, compreendendo os meses de setembro e outubro de 2016, dando continuidade em março de 2017 e finalizando nos meses de maio e junho de 2018. Neste período foram coletadas informações por meio da observação direta, oito diálogos que nos possibilitaram traçar cinco perfis de atores que se relacionam com (e/no) o espaço público, e pela realização dos registros visuais, a fim de lapidar os relatos e apreender características dos atores que integram a Praça da Bíblia.

Continuando esse sistema, foram selecionadas pessoas que possuíam mais de dez anos de relação cotidiana naquele cenário. A fim de aperfeiçoar, durante o trabalho de observação direta, foram selecionadas dezesseis fotografias, de um conjunto de cento e trinta imagens registradas. No que se refere às imagens de domínio público, o arquivo soma trinta e cinco imagens encontradas na Secretaria de Comunicação do Município, onde na oportunidade quatro foram inseridas no trabalho.

Valemo-nos, também, de uma pesquisa documental junto a Secretaria de Infraestrutura da prefeitura da cidade, por meio da qual foi possível obter um croqui do logradouro público em questão. Assim, o texto foi organizado de maneira que pudesse situar o leitor quanto ao contexto espacial da Praça, assim como a descrição dos atores - como mototaxistas, desportistas, comerciantes, religiosos e transeuntes – os quais compõem o cenário.

O trabalho proposto tem sua relevância por contribuir com a história social da cidade de Açailândia, e principalmente, por ser a primeira pesquisa etnográfica de uma praça da cidade sobre os aspectos relacionados aos agentes sociais que a compõem, uso e relações que a constituem, além da produção de conhecimento sobre as praças do oeste do Maranhão, tendo em vista que pouco se pesquisa sobre o tema, sendo possível encontrar outros estudos na região, apenas na cidade

de Imperatriz-MA. Nesse viés, a perspectiva metodológica apresentada por Seta Low faz-se necessária para compreender os aspectos daqui de forma mais detalhada, a fim de obter resultados mais aprofundados.

Nessa lógica, o presente trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo será apresentado o referencial teórico metodológico, no qual serão explicitados, detalhadamente, os principais autores, dados e aspectos do trabalho de campo. Já no capítulo dois, buscou-se situar a referida Praça dentro de um contexto mais amplo da cidade de Açailândia.

No terceiro capítulo, será apresentado um breve histórico social das praças, por meio da qual situaremos a Praça da Bíblia e a sua relação com as demais praças da cidade, a fim de situar o recorte da pesquisa dentro da história urbana local.

Por fim, no quarto e último capítulo serão apresentados os principais atores que dinamizam o cenário, buscando apreender as trajetórias que fazem do espaço um lugar de interação e produção de práticas sociais que configuram o cotidiano local. Refere-se à percepção do lugar como espaço de manifestação das experiências, de significados, das redes de solidariedade e que expressam centralidades, territorialidades e as maneiras como os atores se inserem na trama maior da cidade.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para buscar reflexões a respeito da Praça da Bíblia, procurou-se, de modo geral, de um referencial teórico embasado por uma série de estudos sobre Praças, a partir dos quais buscou-se observar o método etnográfico na pesquisa urbana.

Por onde iniciar a observação direta e como realizar isso em um logradouro de 650m de comprimento por 30m de largura? A partir dessa primeira questão buscou-se apoio nos micro estudos de Low (2003) que ao realizar sua pesquisa etnográfica na Praça da Cultura e do Parque Central<sup>2</sup>, percebeu que era impossível descrever toda a extensão daqueles espaços de uma só vez, optando, portanto, para um zoneamento espacial baseado na orientação dos pontos cardeais. Após “dividir” a totalidade por partes, a autora inicia a inserção pela parte onde observa mais ações e pessoas.

Outra orientação realizada por essa pesquisadora diz respeito à demarcação temporal da observação, uma vez que tais concentrações e interações também podem ser analisadas em relação a determinados dias ou horários. No caso da Praça da Bíblia essa orientação foi fundamental, já que determinados grupos como estudantes, desportistas usuários dos bares e lanches ocupam a praça de acordo com determinadas condições como os horários de entrada e saída de uma escola próxima à praça, horários de funcionamento, horários de menor intensidade de calor, sinalizando que as dinâmicas do local investigado encontram-se totalmente integradas e relacionadas ao sistema maior do bairro, e da própria cidade.

Ainda no livro “On the Plaza: The Politics of Public Space and Culture”, Low (2003) demonstra, grosso modo, a produção de um texto etnográfico a partir de uma vasta inserção em campo (25 anos), na qual realizou muitas observações diretas, entrevistas, produção de registros fotográficos e pesquisa com documentação histórica. De posse desses dados, a autora explica que não se trata apenas de um simples logradouro público, mas de um local de manifestação e de reivindicação de significados da modernidade, da história colonial espanhola.

Trata-se de um dos últimos locais democráticos nos quais a sociedade civil tem acesso e faz diferentes usos. Low (2005) observa que existem diferentes

---

<sup>2</sup> Localizados na cidade de San José, na Costa Rica.

interesses postos sobre o espaço público, e que nem sempre a preocupação dos usuários é levada em consideração pelos planejadores urbanos. Uma abordagem interessante que reforça a integração das praças com experiências que vão além dos seus próprios limites físicos é quando a autora relaciona a Praça com o contexto urbano mais amplo e percebe que é possível verificar uma crise econômica na cidade de São José, por meio das mudanças no padrão de uso das Praças.

Para a presente pesquisa isso significou pensar a Praça da Bíblia dentro de um contexto mais amplo de formação e expansão da própria cidade de Açailândia, de considerá-la em relação aos bairros circunvizinhos e, também, tomando como referência as principais funções e características dos usos do referido espaço público. Assim, inevitavelmente, considerou-se muitas características da abordagem micro social desenvolvida por SETHA LOW para compreender as práticas sociais desenvolvidas naquele lugar. Em viés bastante próximo, levou-se em conta os estudos de CERTEAU (1998) que também percebe a cidade como lugar das práticas urbanas e que não pode ser apreendida em sua totalidade, mas por meio da análise das “práticas microbianas, singulares e plurais que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem ao seu perecimento” (CERTEAU, 1998, p.175).

No âmbito regional, observou-se que na Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz, tem surgido nos últimos três anos uma produção incipiente de estudos sobre Praças Públicas, cujas abordagens têm seguido caminho semelhante, atentando para aspectos ecológicos dos grupos (PEREIRA, 2016), Centralidade História e Espacial (PEREIRA, 2015), Método Fotoetnográfico e interacionismo (PEREIRA, 2015a) entre outros, produzidos no âmbito do Laboratório de Estudos sobre Cidades e Imagens (LAEPCI).

Um ponto comum em todos os estudos citados até então, foi a utilização do método etnográfico aplicado à realidade urbana. Sobre esse método, pode-se salientar que:

A etnografia consiste em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas como observação e conversações, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa. [...] o pesquisador constrói o seu conhecimento da vida urbana *na* e *pela* imagem que ele com-partilha, ou não, com os indivíduos e/ou grupos sociais por ele investigados. (ECKERT e ROCHA 2001, p. 3).

Conforme essas autoras, a pesquisa etnográfica é fundamentada na relação direta do pesquisador com o objeto de estudo, possibilitando extrair das observações realizadas, as práticas dos indivíduos que compõem o cenário, de modo, que, o observador possa reconstruir sua visão sobre o espaço, permitindo novas vertentes de abordagem. O método etnográfico permite identificar e relatar determinadas características do objeto de pesquisa que a princípio seriam despercebidas se fossem analisadas de outro modo. Tal caminho metodológico é ideal para os estudos sobre cidade que não são pautados, exclusivamente, em fatores externos da cidade, mas conforme as relações entre os atores sociais, entre si, e com os espaços públicos.

Com o objetivo de captar a conjuntura de ações presentes no espaço a pesquisa foi iniciada com passeios esporádicos ao local, em horários alternativos, a fim de “treinar o olhar” conforme MAGNANI (1991, p.2), e realizar uma etnografia de rua (ECKERT, ROCHA, 2001), a fim de obter novas/outras interpretações, desconstruindo pré-conceitos das ações realizadas no ambiente, sendo ações necessárias para enriquecer a análise dos dados observados.

Não se trata de subtrair, mas, acrescentar conceitos e procedimentos, para então, construir a análise etnográfica do cenário, estabelecendo parâmetros para recolha de dados para compreender a organização dos atores sociais que utilizam o espaço da Praça da Bíblia para saciarem suas necessidades e dinamizarem o espaço, conforme suas práticas que moldam o cenário.

Uma pesquisa etnográfica segundo Magnani (1991, p.5) não é realizada apenas com descrição, coletas de dados, mas a ordenação das observações realizadas, tornando-se elemento importante no processo, para organizar tudo o que é visto, e dessa forma, facilitar a análise.

Diante disso, a utilização de recursos como: caderno de campo, fotografias, entrevistas e conversas informais durante o período de realização da coleta de dados por meio da observação direta, foram imprescindíveis para que se pudesse compreender como é composto o contexto espacial da praça, assim como, as práticas dos grupos atuantes.

Nesse viés, a coleta de dados em campo foi realizada por meio de caminhadas, obtenção de fotografias, observação direta e conversações com os agentes (desportistas, religiosos, vendedores ambulantes, mototaxistas e

transeuntes) que desenvolviam ações constantemente no local. Com isso, buscou-se mapear, conforme Pereira (2016, p. 2), os ocupantes da praça, as relações estabelecidas entre eles, às estratégias de uso e apropriação do espaço público e as principais características sociais deles. Pois por meio desse exercício foi possível captar a organização destes ao suprir suas necessidades, assim como a mobilização social que dão à praça e à própria vida.

A caminhada foi elemento importante para diferenciar do andar corriqueiro do usuário que tem o espaço como familiar, que o encara com a mesma perspectiva de todos os dias, do mesmo modo o transeunte que utiliza o percurso apenas para chegar a determinado ponto, estando atento apenas à situações de seu interesse, como faixa de pedestre, o fluxo de carros na Rodovia, desviando de algo que compromettesse seu trajeto.

A caminhada adotada durante o período de realização da pesquisa ocorreu segundo Magnani (1991, p.4) de modo sistemático, sendo mais lento que o do usuário e mais regular que o do passeante para que se pudesse absorver os impulsos sensoriais durante o trajeto, e para que pudesse evitar a dispersão do olhar diante dos múltiplos estímulos, ou seja, do senso comum e para isso fez-se uso de uma grade classificatória composta por: cenário, atores e *script*.

Nessa perspectiva, as caminhadas iniciais realizaram-se ao longo de toda a praça, nos dois lados, Norte (Área 2) e Sul (Area1). Porém, devido a sua grande extensão houve a necessidade de recorte de campo para obter melhores resultados, sendo assim, o trajeto escolhido para realização do estudo ficou limitado à parte Sul da praça (Imagem 8), sobressaindo-se devido o grande número de pessoas concentradas no local durante o tempo de realização da pesquisa nos meses de setembro e outubro de 2016, e que posteriormente foi dada sua continuidade em março de 2017, finalizando-se nos meses de maio e junho de 2018.

A escolha de observar em dias alternados ocorreu a partir das caminhadas esporádicas, onde foi possível verificar que o fluxo de frequentadores aumentava conforme o tipo de atividade desenvolvida no espaço. Diante disso, os dias de terça e quinta foram escolhidos, devido a realização das aeróbicas promovidas pela Secretaria de Ação Social do município no horário das 18 às 18:30h, assim como, os finais de semana que foram escolhidos, a partir do fluxo de pessoas e de

comerciantes dentro da praça que geralmente trabalham com vendas de lanches e locação de brinquedos.

Com o propósito de obter um resultado satisfatório, os registros e horários de análise em campo foram fixados ocorrendo no horário das 17 às 20 horas nos dias de terça, quinta, sexta, sábado e domingo, a fim de seguir um sistema de procedimentos de observação das práticas sociais para garantir uma sistematização maior na produção de cadernos de campo. O trajeto realizado deu-se partindo da extremidade sul com sentido ao norte, por considerar como ponto de chegada à Praça da Bíblia, devido o acesso à Praça do Mercado e ao Centro da cidade sendo estes, locais de grande concentração do comércio, portanto, fatores que contribuem para entrada e saída de moradores dos bairros vizinhos, estudantes e trabalhadores que a tem como percurso diário para suas atividades.

A observação direta foi usada diariamente para assimilar o cenário e obter um primeiro levantamento dos atores e práticas sociais, a fim de apreender características do contexto onde ocorrem as práticas de maior expressividade dos atores. Conforme Magnani (1991, p.1) “etnografia de um espaço não pode ser senão o que ocorre nele”. O procedimento utilizado na pesquisa será para averiguar os saberes e prática na vida social buscando reconhecer as ações e representações coletivas, ou seja, conhecer as diferenças do outro e compreender, sendo possível a partir de recursos utilizados, combinando e articulando técnicas de recolha de informações, tais como, entrevistas, conversas, fontes documentais, e outros recursos que proporcionem uma perspectiva multidimensional que possam captar a complexidade das manifestações socioespaciais, a partir de registro e análise ao longo da existência da Praça na cidade de Açailândia.

Para que chegasse ao perfil dos atores e características do cenário, o papel desempenhado pela observação direta foi responsável por fazer uma primeira classificação mais geral, e só depois das entrevistas e das conversas que se pôde obter informações e dados mais completos para pesquisa. É nesse momento que se identifica a atuação e participação de cada ator dentro do cenário, dando significado às práticas deles no local da praça, nomeando as diferentes maneiras de apropriação e chegando a tipos mais gerais que explicam os comportamentos e facilitem a compreensão da participação deles na dinamização do espaço.

Conforme destaca Menezes (2011, p. 8) “a informação de teor visual é uma importante contribuição para a compreensão sobre como os processos sociais se inscrevem no espaço”. Logo, o recurso visual se destaca como importante na pesquisa etnográfica por conseguir transmitir a pesquisa, conforme o olhar do pesquisador, diminuir os riscos ocasionados pela interpretação individual que é transmitida pela produção textual sobre o contexto, além de contribuir para a compreensão sobre como os processos sociais se inscrevem no espaço, sendo uma ferramenta muito importante e utilizada ao longo desta pesquisa.

O uso desses recursos proporciona o reconhecimento do cenário fazendo uso dos elementos físicos resultantes das práticas sociais que estão em constante transição, devido as transformações realizadas pelos atores e suas atividades no espaço. E para demarcar o cenário da pesquisa, fez-se necessário identificar as delimitações físicas, conhecer os bairros e ruas que estão nas proximidades, considerando, é claro, a relação desses elementos com as práticas diárias dos atores sociais que usam e se apropriam do espaço, e assim, identificando perfis, categorias e comportamentos pelo método de classificação.

## 2 AS PRAÇAS E SUAS PLURALIDADES

Embora as Praças, sejam, geralmente, compreendidas como parte do espaço urbano utilizado para prática de diversas atividades de bem-estar social ao longo dos anos, podendo ser considerada um dos primeiros espaços físicos a proporcionar trocas culturais, sejam elas dos mesmos grupos ou grupos distintos, Partiu-se do pressuposto de que o cenário da praça não se delimita, ele se adequa a cada cultura e altera-se conforme o local e momento histórico. Assim, mais que um espaço público amplo, livre de edificações e que propicie a seus usuários diversão e convivência comum, as praças podem apontar as características de seus usuários, por isso servem como um importante ponto para a compreensão das dinâmicas sociais.

Nesse sentido, entende-se que a praça, assim como “a rua, é espaço público, lugar de encontrar o diferente, o estranho, sendo, portanto, suporte de muitas apropriações, espaço de reconhecimento e sujeito a negociações” diz (MAGNANI, 1991, p. 1), considerando isso e a grande circulação de pessoas no local é que o espaço se torna referência na concentração de pessoas. Para compreender melhor o plural desse ambiente tão rico em si mesmo, é importante elencar algumas situações históricas e locais, no qual tal espaço aparece com as mais diversas funções.

Um espaço comum, antecessor à praça, é ágora ou fórum, espaços bem estruturados, voltados para a disseminação do conhecimento, exposições de ideias e tomada de decisões importantes. Na Idade Média, as praças eram utilizadas para fins diferentes dos percebidos na idade antiga que nela eram realizadas execuções e funerais, bem como casamentos, e eventos religiosos, bem como para o comércio.

Os exemplares mais importantes desse período são resultado de configurações urbanas diferenciadas, como as cidades muradas e as fortificações, apenas núcleos vazios, com ausência de construções e nenhum trato estético. Já no período renascentista e barroco, as praças assumem novo significado, com o surgimento de um novo modelo de vida urbana, a construção de palácios mais suntuosos, as praças receberam um tratamento mais elaborado. Esta não era mais vista sob

aspecto meramente funcional, mas também social e palco de exposições de arte, espaço destinado ao relaxamento e a contemplação.

A cidade antiga era principalmente uma fortaleza, um lugar de refúgio em tempo de guerra. A cidade moderna, pelo contrário, é principalmente uma conveniência de comércio, e deve sua existência à praça do mercado em volta da qual foi erigida (PARK, 1967, p.35). Analisando as Praças de Armas Peruanas, Pereira (2012) observa que elas estavam diretamente relacionadas aos processos de colonização espanhola, pois eram os locais onde estavam localizadas as igrejas, os centros de governos e os soldados, ou seja, toda a estrutura de que garantiria os mecanismos de dominação religiosa, política e bélica.

No Brasil, Freyre (2004) compreende a Praça como um sinal da modernidade e da urbanização, em relação à cultura do engenho, cujo símbolo máximo era a Casa Grande. Dessa forma, explica que “a praça venceu o engenho”, atraindo para a cidade o mercado e culturas de diversos locais, possibilitando novas formas de sociabilidade. Assim, é possível compreender o pensamento de Vieiro e Filho (2009, p. 01) quando nota que “Esse espaço, existente há milênios, utilizado por civilizações de distintas maneiras, nunca deixou de exercer a sua mais importante função: a de integração e sociabilidade”.

No Brasil, o advento das praças confunde-se com o das cidades. As primeiras praças surgiram nos arredores das igrejas, constituindo os primeiros espaços públicos urbanos, estando próximas à igreja, aos prédios públicos, comércio e casas mais requintadas, além de ser um espaço de convivência dos moradores locais. Conforme (FONT 2003 *apud* VIEIRO; FILHO, 2009, p. 01) a praça é um espaço público de reunião, construído para e pela sociedade, imbuída de símbolos e significados, marcos centrais da constituição de trajetos, do ir e vir, ponto de chegada e partida, concentração e dispersão. Para a autora, as praças são espaços carregados de impressões sociais da comunidade onde está inserida sua identidade, além de serem palco para as mais diversas manifestações sociais, desde encontros, chegadas, partidas, as possibilidades de contato interpessoal público que são infinitas e multilaterais, uma vez que a praça reúne em si e em seu entorno diversos elementos fomentadores desses contatos, utilizada também como local de comércio formal e informal, servindo de palco para representação da história e cultura local.

Nas Praças de Açailândia nota-se uma centralidade histórica e social, pois as principais praças da cidade aglutinavam pessoas que estavam relacionadas com a própria história de expansão da cidade. Conforme a cidade se expandia as margens da Rodovia BR 010, eram formados os espaços de uso comum da comunidade da época. Diante disso, surgiram os primeiros espaços urbanos, como a “Feira do Mercado”, que mais tarde recebeu o nome de Praça do Mercado, tornando-se a primeira praça da cidade, que tem como característica principal, o comércio, que é mantida até os dias atuais. Percebe-se, que os espaços que se tornaram Praças, inicialmente eram utilizados para comercialização de produtos no local, onde hoje é denominado de Centro da cidade.

“As disposições paisagísticas e espaciais da cidade refletem muito sobre os grupos que as reproduzem, em outras palavras, pode-se dizer que, toda vez que o homem toca determinado objeto, imprime nele a sua marca.” (PEREIRA, 2012, p. 27).

Neste sentido, o espaço público da Praça do Mercado, ao longo dos anos torna-se referência na construção da memória dos açailandenses, dado o fato de vários eventos da cidade serem realizados no local, como festa de aniversário da cidade, eventos religiosos e manifestações sociais, constituindo assim, um local histórico e simbólico para a sociedade.

As trocas promovidas no espaço da praça pela interação com o outro, com o desconhecido, não seria possível na esfera privada, pois são transformações que ocorrem no ambiente compartilhado, criando um novo cenário, tornando-o híbrido, permitindo ações culturais essenciais promovidas pelos diferentes perfis dos atores sociais que comparecem ao local. Diante disso, a praça pode ser considerada símbolo do lugar, apresentando contradições e conflitos sociais, mostrando a sociedade em movimento.

É a partir disso, que a Praça da Bíblia na cidade de Açailândia-MA, por proporcionar encontros, acontecimentos, práticas sociais e manifestações, tornou-se objeto desta pesquisa etnográfica, a fim de compreender as relações estabelecidas pelas práticas e experiências dos atores sociais que compõem e dinamizam o espaço, cabendo análise do cenário mediante as várias formas de uso e apropriação do mesmo.

### 3 AS PRAÇAS NA HISTÓRIA DA CIDADE DE AÇAILÂNDIA

Conforme foi visto anteriormente as Praças podem possuir diversas funções, trazer características dos grupos que as ocupam e representar memórias e significados históricos da cidade. Nesse sentido, o presente capítulo visa apresentar uma breve história social das praças, por meio da qual situa-se a Praça da Bíblia e a sua relação com as demais praças da cidade. Trata-se, assim, de colocar nosso recorte de pesquisa dentro de um contexto da história urbana local.

Na contextualização histórica sobre os primeiros pontos locais de concentração, faz-se necessário citar o Riacho Açailândia<sup>3</sup> onde habitaram os primeiros moradores e o Café Kubitschek<sup>4</sup> em que paravam os ônibus e outros meios de transportes, como primeiros pontos de concentração, seguido da Feira do Mercado que segundo documentos fotográficos em 1976 já existia, antes mesmo da emancipação da cidade, onde até então era distrito de Imperatriz-MA. Assim, partindo da participação histórica da Feira do Mercado na transição política e social da cidade é que se vai adentrar na importância das Praças na história de Açailândia.

Antes mesmo de ser reconhecida como cidade, as Praças já eram elementos significativos na construção social de Açailândia, desempenhando papel importante ao ser um dos primeiros espaços urbanos. Neste contexto, a Praça do Mercado vem ser a de maior relevância para história da cidade que inicialmente foi chamada de “Feira do Mercado”, devido à centralização do comércio da época durante a construção da Rodovia BR 010 (Bélem-Brasília) e chegada dos primeiros habitantes. Foi um dos primeiros espaços de centralidade e de encontro da cidade, a qual desempenhou uma função econômica e, portanto, produziu aglomerado de pessoas que constantemente frequentavam o local e alimentavam um conjunto de interações cotidianas.

As duas fotografias abaixo representam a movimentação da época no espaço onde é possível observar os agentes sociais que dividem o local com as barracas dentro da feira. Desse modo, a relação comercial estabelecida pelo

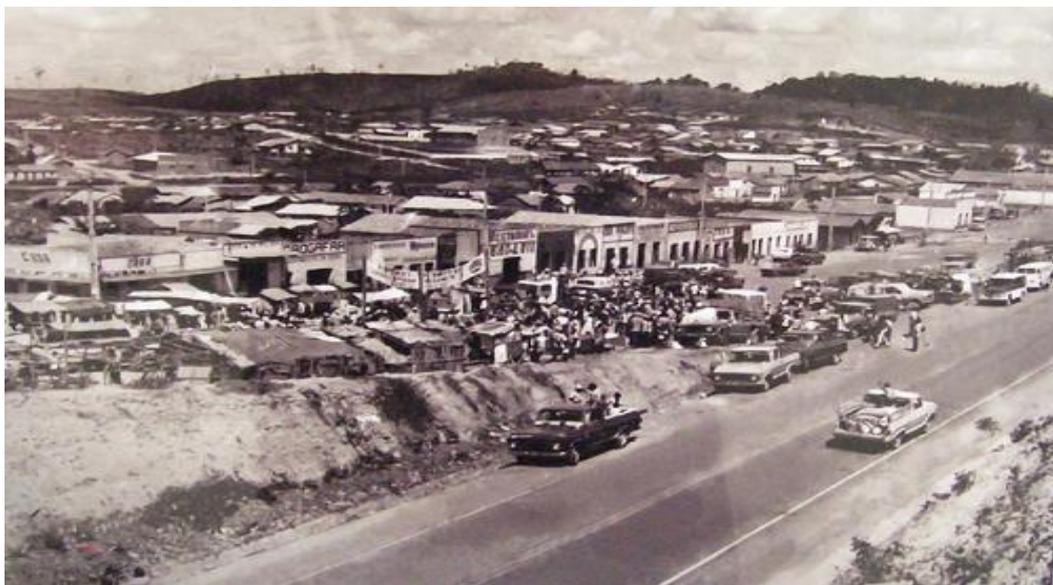
---

<sup>3</sup>NASCIMENTO Evangelista M. **Açailândia e sua história**. Ed. Ética. Imperatriz/MA. 1998.

<sup>4</sup>Idem, 2008, p. 20-21

aglomerado que busca comprar, além das demais peculiaridades apresentadas a seguir.

**Imagem 1** – Feira do mercado em 1976



**Fonte:** Secretaria de Comunicação de Açailândia

Na primeira imagem pode-se observar em destaque o asfalto, sinônimo de desenvolvimento, assim apresentada na bibliografia da cidade que “trouxe, sem dúvidas o grande progresso, abrindo o caminho de uma nova civilização” (PRIMO, 1987, p. 01) logo, possibilitando o tráfego de automóveis apresentados na foto e outros estacionados na Rodovia. Vale destacar as pessoas que conversam às margens da rodovia transmitindo a ideia de ponto de encontro além da prática do comércio. Já na feira, nota-se os tipos de barracas que indicam flexibilidade, podendo ser montadas e desmontadas rapidamente, que devido a facilidade de manuseio é utilizada até os dias de hoje pelos comerciantes do local.

**Imagem 2** – Feira do mercado em 1976

**Fonte:** Secretaria de Comunicação de Açailândia

Quanto à segunda, de início observa-se o modelo de barraca diferente das apresentadas na primeira foto, nesta, elas já são fixas, o que daria o sentido de propriedade comercial. A senhora que transita na área sem pavimentação, caracteriza-a como transeunte, assim como os clientes que compram nas barracas próximas ao que seria o açougue, a imagem da mãe que anda na lateral segurando a mão do filho indicando perigo, possibilita imaginar que a passagem de veículos pelo local fosse frequente como demonstrado na presença do transporte de tração animal, caracterizado pelo jumentinho, que comumente era usado para deslocamento de carga e pessoas.

Predominando as características funcionais, sociais e históricas, a Praça do Mercado é compreendida como representação do comércio, característica mantida até os dias atuais com grande concentração de lojas comerciais e vendedores ambulantes no local, considerando-a uma Praça de Comércio, podendo ser compreendida como um espaço central que caracteriza muito a memória e o cotidiano do cidadão açailandense, principalmente dos consumidores do centro comercial da cidade.

**Imagem 3** - Praça do Mercado em Junho de 2018



**Fonte:** Própria Autora (2018)

Dada a sua importância ressaltada anteriormente que mesmo não dispondo de um cenário paisagístico, o amplo espaço atualmente favorece o uso do local para fins que vão além do comercial, utilizado como palco de diversos eventos (religiosos, estudantis e políticos) sendo referência de manifestações culturais, além da realização de shows, assumindo assim o papel de Praça de lazer em determinados momentos.

Porém, a referência em lazer da cidade dá-se à Praça dos Pioneiros que segundo a bibliografia da cidade, foi a primeira praça fundada e inaugurada em 22 de abril de 1981 (NASCIMENTO, 1998, p. 44) construída da parceria do governo do Estado com os empresários que teve como interventor Nélcio Pereira Duarte. A Praça pode ser pensada como o avanço da passagem, no qual Açailândia sai da situação de um modesto povoado para o primeiro momento de crescimento urbano, o qual conforme a cidade se desenvolvia, conseqüentemente o comércio estava crescendo no sentido Leste da Rodovia BR 010 (Bélem-Brásilia) onde hoje é o Centro da cidade. Nas proximidades estão localizados diversos pontos comerciais, tais como: lanchonetes, bares e clubes, onde grande maioria funciona somente à

noite e durante finais de semana, predominando a boêmia. Pode-se considerar tal fato determinante na ocupação da Praça por ocorrer principalmente nesses dias e horários, já que na semana durante o dia, a mesma é ocupada praticamente por estudantes das escolas próximas ou pelos transeuntes que a utilizam como passarela de acesso.

**Imagem 4 – Cenários e Fronteiras**



**Fonte:** Secretaria de Comunicação de Açailândia (2017)

A Praça Kubitschek foi inaugurada em 6 de junho de 1992, que segundo NASCIMENTO (2013, p. 80) “construída na gestão do prefeito Leonardo Lourenço de Queiroz, em homenagem ao ex-presidente da República, Juscelino Kubitschek principal responsável pela construção da Rodovia que passa pela cidade”. Neste mesmo ano foi construída a Praça dos Pedreiros Livres, localizada na margem esquerda, no lado Oeste da Rodovia BR - 222, sendo inaugurada na mesma data, em homenagem aos que ajudaram a construir a cidade de Açailândia.

Do mesmo modo, a Praça do Patizal, nome dado em homenagem à quantidade de árvores da espécie Pati, foi inaugurada no mesmo ano, localizada no Bairro Vila Ildemar, que devido à distância do centro da cidade foi construída com espaço amplo e arborizada para lazer e ponto de encontro dos moradores locais.

**Imagem 5** - Praça do Patizal

**Fonte:** Secretaria de Comunicação de Açailândia (2017)

As principais praças da cidade surgiram da necessidade histórica e social, é nesse contexto que no ano de 2000 foi inaugurada a Praça da Bíblia, localizada às margens da Rodovia BR-010, surgindo conforme Nascimento (2013, p. 82), inicialmente da necessidade das comunidades evangélicas localizadas às margens do terreno onde foi construída a Praça. Em virtude das características de localização, arquitetura e paisagem é que a praça promove a atração de pessoas podendo ser pensados como marcos de formação dos grupos religiosos, comerciais, mototaxistas, desportistas e transeuntes que a utilizam e atribuem interpretações, usos e sentidos para o espaço.

As praças em Açailândia têm importância fundamental na expressão da sociedade, trazendo consigo características próprias dos grupos que a frequentam promovendo sociabilidade e dando visibilidade. Além disso, tais espaços exercem o papel de uma memória pública vinculada às concepções do povo, assim como as formas que são inseridas e a interação entre os indivíduos, construindo significados para população, e assim, como o contexto histórico delas é de grande relevância

para a pesquisa, conhecer o cenário e suas mudanças também, para que se possa conhecer os seus significados na história do objeto pesquisado.

#### **4 A PRAÇA DA BÍBLIA: Cenário e Mudanças**

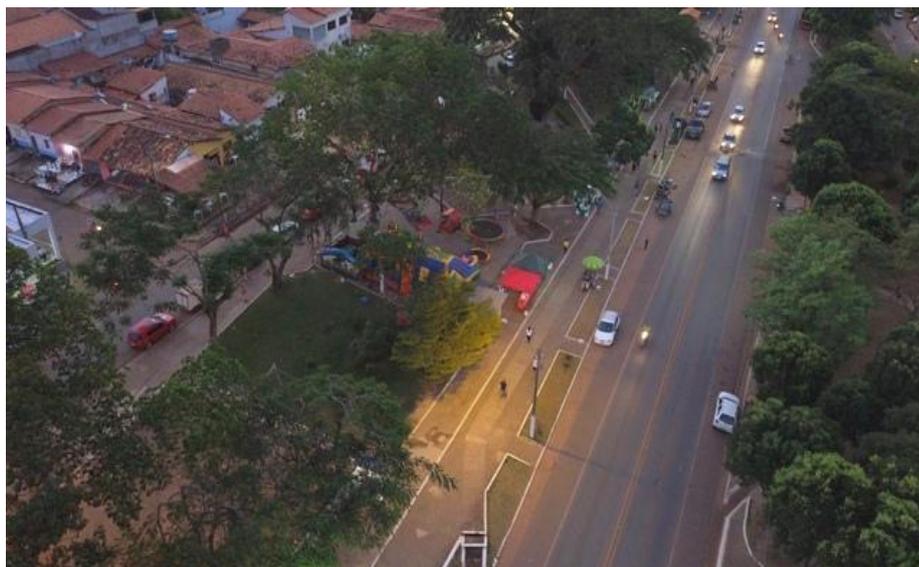
Nesse contexto, a Praça da Bíblia teve sua construção iniciada em 1999, durante a gestão do prefeito Gilson Freire de Sant'Anna, e foi entregue à população em 22 de dezembro de 2000, conforme foi possível verificar em sua placa de inauguração (Anexo 1).

Segundo Nascimento (2013) o plano inicial desse logradouro era vinculado às necessidades da comunidade evangélica que necessitava de um espaço para a realização de suas práticas religiosas. Não podemos reafirmar essa relação entre o plano de construção da praça e os grupos evangélicos, contudo foi possível verificar a presença da igreja evangélica, e que realmente realizam atividades no referido lugar, como por exemplo, a montagem de tendas para a exposição de livros, comemoração de datas religiosas e pregações. Contudo, é importante salientar que outros segmentos religiosos também costumam ocupar aquele espaço público, como exemplo das tendas de livros espíritas e outras.

A própria ideia contida na denominação da praça remonta a concepção de centralidade que foi o ponto inicial desta pesquisa, surge propiciando um agrupamento de atores que buscam satisfazer determinadas necessidades no local, e por isso acabam estimulando processos de territorialização. Mas, antes de adentrar nesse nível microsociológico, convém ressaltar, primeiramente, aspectos do cenário e da relação da Praça com as áreas circunvizinhas e suas próprias mudanças, ao longo dos anos.

Assim, é importante salientar que não se trata de uma Praça central que surgiu dentro de um processo de colonização e fundação de cidades, mas de um lugar que representa um momento de expansão da área central da cidade no sentido da construção do bairro Jacu, que remonta a década de 1980. Dessa forma, é importante ressaltar que a mesma foi construída entre à margem direita sentido Norte-Sul da rodovia 010 (Belém-Brasília) e a Avenida Bernardo Sayao, que separa o referido logradouro de uma série de ruas perpendiculares que compõem um bairro chamado Jacu.

**Imagem 6** - Visão Aérea de Trecho com os Limites da Praça



**Fonte:** Própria Autora (2018)

Ao longo do logradouro público pode-se verificar algo semelhante a imagem, que traz um trecho do campo de pesquisa. Trata-se de uma área de 30 metros de largura, por 650m de comprimento, e que é composta por áreas verdes, pista de caminhada e equipamentos urbanos como bancos, quadras esportivas entre outros. Na referida imagem é possível verificar a BR-010 do lado direito e as residências e rua do conjunto Jacu do lado esquerdo, caracterizando os limites da praça.

De maneira mais detalhada, verifica-se que essa extensão de 650m é delimitada no lado oeste pela Av. Bernardo Sayão e por seis quadras do conjunto Jacu. Nessa extensão observa-se também uma série de mudanças, principalmente no fato das edificações voltadas para o lado da Praça possuírem suas características residenciais convertidas em comerciais. Um exemplo disso pode ser observado com uma imagem do *Googlestreet* referente ao trecho da primeira quadra que compreende o início da praça. Nela existiam, em 2012, uma residência de muro marrom, um ponto comercial de venda de churrasquinho, uma *lanhouse*, um local de venda de galletos, uma academia de musculação e um restaurante.

**Imagem 7** - Trecho da Primeira Casa – Predomínio de Instalações Comerciais



**Fonte:** Googlestreet, 2018

Ao realizar uma caminhada de observação no local na manhã de 10 de setembro de 2016, foi observado que a residência de muro marrom sofreu uma alteração, pois os donos construíram um ponto comercial onde funciona uma farmácia, e foram morar nos fundos da casa. Em seguida, está um ponto comercial que vende churrasquinho e tem música ao vivo todas às terças-feiras, seguido de um lava jato. Em outra observação realizada dois anos depois, verificou-se que no local onde era a academia de musculação, funciona atualmente um quiosque de venda de Cerveja. Vale enfatizar que, no restante desta quadra que não faz fronteira com a Praça há uma predominância das edificações residenciais.

O segundo quarteirão inicia-se com uma residência que também funciona como lanchonete no período noturno. Em sua calçada há um trailer de venda de cachorro quente. Após esse ponto existem quatro casas simples e duas maiores. Depois das residências tem a sorveteria Vitória que foi aberta em 2011 e funcionou até o primeiro semestre de 2018. Tratava-se do ponto comercial mais antigo, com aproximadamente 17 anos, pertencente ao senhor Sebastião Alves de 49 anos que é natural de Lago da Pedra e chegou ao lugar antes da construção da própria Praça.

Atualmente, esse ponto está alugado para dois outros empresários que comercializam churrasquinhos e açaí. Tal como o proprietário do ponto da farmácia,

o senhor Sebastião também mora nos fundos do terreno. Depois da sorveteria existe uma casa que é apenas residência e logo na segunda casa, funciona um comércio de churrasquinhos, a terceira casa é uma lanchonete e logo ao lado está o único posto da gasolina do bairro, o Posto Econômico 3, que foi inaugurado em 7 de novembro de 2015. Antes a área do posto era ocupada por uma propriedade que continha um terreno e uma lanchonete de esquina. Em 2012, a terceira e quarta casa após a Sorveteria Vitória eram compostas por uma lanchonete e um salão de beleza.

O terceiro quarteirão começa com o Espetus e Cia que foi aberto praticamente no mesmo período do posto de gasolina, e que subindo na Rua 21 de Abril encontram-se alguns pontos comerciais, tais como: Top Sorvete e Mini Salgados. Antes da abertura do local de venda de churrasquinho, foi observada a existência de uma lanchonete que vendia pasteis e *milkshakes*, seguida de outras três com estruturas bem simples, em 2012. De lá para cá, observou-se que ocorreu um maior investimento comercial, pois os locais onde antes existiam essas lanchonetes mais simples, hoje são um ponto fechado de venda de churrasquinhos, uma sorveteria chamada Frozen Açai e uma lanchonete denominada de Maria Coxinha, responsável pela venda de mini salgados.

Logo após há uma residência e ao lado, a Igreja Assembleia de Deus, que vem seguida do Edifício São Rafael. Seguindo o quarteirão foi verificado mais uma residência que à noite funciona como pizzaria e pastelaria, bem como três residências que não são pontos comerciais. A residência seguinte é um imóvel que aglutina mais de um comércio, onde funciona um salão de beleza e um escritório de locação de ônibus. Ao lado, uma residência sem vínculos comerciais, seguida da Igreja Batista Memorial, e de um ponto comercial que na eleição de 2014 foi comitê eleitoral de um candidato deputado estadual. Hoje é uma loja chamada de Aquarela Park que loca brinquedos infantis, e ao final dessa extensa quadra, funciona uma pizzaria.

Um lava jato dá início ao quarto quarteirão onde também se vende salgados e onde residem os donos. Ao lado está o Mercadinho da Guida, em que aos fundos é a casa da proprietária e ao lado está um Bar que aos finais de semana vende feijoada, galinha caipira e peixada, sendo que ao lado está um prédio que funciona como condomínio.

A Escola Municipal Pingo de Gente funciona ao lado da uma casa abandonada que foi residência de um dos radialistas mais antigos da cidade, Professor Dorgival Gerônimo. A quadra segue com o prédio onde funciona a Clínica de Nefrologia de Açailândia, que antes era um Hospital Particular, o São Braz e que por muito tempo ficou abandonado e a partir de 2015 a prefeitura iniciou a reforma para ser o centro de tratamento para pacientes que fazem hemodiálise. Ainda no mesmo quarteirão, ao lado da Clínica estão três residências, que na quarta-feira além de ser residencial é o Bar da Elisa que também vende churrasquinhos, sendo o mais antigo da praça e que em frente, já dentro da praça estão situados dois *traileres*, os quais funcionam como Bar e Lanchonete, possuindo praticamente o mesmo tempo de existência que o bar da Elisa. E por fim, mais uma residência, seguida da Academia do Granola onde se pratica Artes Marciais, *Jui-Jutsi* e *Muai-Thay*.

O quinto quarteirão inicia com o Bar Bate Papo e ao lado uma residência que também é lava jato e logo em seguida, nove casas sendo apenas residências, seguidas de um salão de beleza que finaliza a quadra. O sexto e último quarteirão conta com uma residência que em 2016 funcionava como ponto comercial, mas atualmente é apenas moradia, seguida de outra residência e da Igreja Presbiteriana que faz limite com um terreno murado, que por fim, finaliza o cenário da praça.

Ao longo dessa Avenida Bernardo Sayão e seus 650m (delimitação oeste da Praça) verificou-se também sessenta e seis estruturas físicas, valendo ressaltar, que podem ter mais de sessenta e seis funções, tendo em vista que uma estrutura pode ser usada para mais de uma finalidade, e, portanto, concentra mais de um tipo de comercialização<sup>5</sup>. De maneira mais detalhada observou-se a existência de vinte e nove residências sem vínculo comercial; doze residências com vínculos comerciais; vinte pontos comerciais dissociados do residencial; três igrejas; uma escola; uma clínica. Destaca-se neste cenário, um total de trinta e dois pontos comerciais, dos quais dezoito vendem lanches e comidas.

Dessas sessenta e seis estruturas físicas, vinte e sete encontram-se nas primeiras quadras onde foi delimitada a nossa área de observação, a qual foi denominada de área 1. Trata-se da área de maior concentração de pessoas. O local

---

<sup>5</sup>Assim como o ocorrido no ponto da antiga sorveteria vitória, localizada no segundo quarteirão e na casa que funciona como salão de beleza e escritório de locação de ônibus, situada no terceiro quarteirão.



**Fonte:** Secretaria de Infraestrutura de Açailândia (2017)

Desse modo, nota-se que na área 1 (parte sul da praça) era onde se formavam os agrupamentos de comerciantes de lanches e brinquedos infantis, desportistas, transeuntes, motoxistas, religiosos das igrejas próximas, entre outros. Foi verificado que naquela área as pessoas, de alguma forma, se relacionam com o comércio e com os serviços locais (lanches, brinquedos infantis, bares, música ao vivo, manifestações religiosas, etc.), principalmente no período noturno, quando ocorriam as situações de maior ocupação e uso do espaço público. Por conta disso, optou-se por delimitar a observação durante os períodos vespertinos e noturnos.

#### **4.1 Centralização, Necessidades e Práticas Sociais**

Seguindo as orientações de Certeau (1998) Eckert e Rocha (2001), e Pereira (2016) buscou-se apreender a Praça da Bíblia em relação a algumas trajetórias de alguns atores que fazem daquele pedaço da cidade, um local de interação e produção de práticas sociais que configuram o cotidiano local. Trata-se de perceber o lugar como espaço de manifestação das experiências, de significados, das redes de solidariedade que expressam centralidades, territorialidades e as maneiras como os atores inserem-se na trama maior da cidade. Utilizou-se também dos estudos de Mackenzie a respeito da centralização, que segundo Pereira (2015b) considera que os grupos e atores possuem características ecológicas, pois buscando satisfazer interesses como educação, diversão, trabalho e outros, acabam se concentrando em determinados lugares. Trata-se do processo pelo qual a comunidade se forma e fixa a base territorial. Dessa maneira, a centralização seria o processo social que gera toda a concentração de pessoas na área 1, e que só pode ser compreendido por meio da análise das relações sociais estabelecidas entre os atores.

É nesse contexto de importância histórica e da relação prolongada com o cenário que apresentamos nossa principal informante da Praça, a Sra. Maria da

Conceição Costa Pilar, 59 anos, natural de Grajaú, veio para cidade com os pais por volta da década de 1970 no ápice da construção da Rodovia. Moradora do Bairro Jacu há mais de 20 anos, trabalha desde janeiro de 2001 na praça vendendo lanches sempre no lado que faz fronteira com a BR010. A mesma contou que quando começou a vender na praça, só era ela e um senhor que vendia pipoca, falecido em 2014. Quatro anos depois de ela começar a vender dentro da praça, o Sr. Antônio começou a vender pastéis dentro da praça no lado da Avenida Bernardo Sayão, antes disso ele vendia às margens da praça, na extremidade oeste numa barraca ambulante.

A conversa iniciou-se sobre o seu ofício antes de vender na Praça na Bíblia. Na oportunidade, ela nos contou que vendia batata frita a noite nos finais de semana na Praça do Pioneiro quando tinha festas. Porém, por ser longe de casa, assim que a Praça da Bíblia foi inaugurada ela comprou a máquina “crepeira”, ocasião onde aprendeu a fazer e vender “crepes”. Atividade essa de onde a mesma retira o sustento de sua família e que vem realizando, sempre, em todos os dias entre as 16:30h e às 23h, dependendo do fluxo da clientela. Utilizando a Praça, apenas, como local de trabalho, ela geralmente, tira um ou dois dias para descanso, no caso de necessidade.

**Imagem 9 - Cliente e Comerciante**

**Fonte:** Própria Autora (2018)

Na imagem 9 é possível observar a Sra. Maria da Conceição em uma interação de trabalho cotidiano. Tal como observa Pereira (2016) quando analisa os comerciantes noturnos que trabalham na Praça de Fátima, fazendo-se importante observar que não por acaso a tenda de crepes se localiza próxima ao poste, de onde obtêm energia e fica em um melhor ângulo de visão direto, tanto para os carros que chegam com pessoas para utilizar a praça, quanto para o parque infantil privado. Quando foi indagado o motivo de ela acreditar que a Praça da Bíblia é melhor do que a praça dos Pioneiros para prática de venda, a mesma foi objetiva:

A Praça da Bíblia é melhor porque fica perto de casa e porque sempre teve movimentação de pessoas, mesmo antigamente quando era mais frequentada só pelos alunos das escolas próximas, (Lourenço Galletti, Maria Isabel Cafeteira, Tânia Leite, Frei César Gavazzi e Divino Mestre). Ah, hoje ela recebe mais gente até mesmo por causa do aumento no número de lanches na Praça com mais opção, além dos brinquedos para crianças e os pais podem trazer seus filhos para passear e brincar. (Entrevista com Maria da Conceição Costa Pilar, dia 12 de maio de 2018 [sic])

Além da questão relacionada ao próprio itinerário da entrevista, a distância em relação à própria casa, notou-se que a permanência dela é diretamente relacionada com o oferecimento de outros tipos de serviço no local, e conseqüentemente, à atração de um conjunto de pessoas que busca satisfazer determinadas necessidades de alimentação e lazer. Tal situação possibilita pensar em pelo menos dois tipos de centralidade: uma econômica que sempre atrai comerciantes para o local, por conta da concentração de possíveis clientes na Praça, e outra que seria pensada, de acordo com perspectiva do cliente que pode também, construir laços sociais e com o lugar, por meio de determinadas práticas de consumo.

Seguindo a perspectiva das relações da vendedora, verificou-se que ela mantém não apenas as relações com os clientes, mas também com funcionários da prefeitura e com outros vendedores. É interessante perceber parte dessas relações no seguinte relato:

Dias atrás passou uma mulher da prefeitura, aquela que cuida das praças, e pediu que a gente guardasse o lixo da barraca numa sacola e ao final amarrasse e colocasse do outro lado da praça, ali (aponta para o local) que o caminhão passa lá para pegar. Eu já fazia isso antes porque a senhora que cuida daqui, que faz a limpeza é doente, tem vários problemas de saúde e os lixeiros daqui são fundos, sem sacos e não saem pra ela tirar, é difícil, aí até pra ajudar eu faço assim, mas nem todos fazem. (Entrevista com Maria da Conceição Costa Pilar, dia 12 de maio de 2018 [sic]).

A situação narrada sinaliza um conjunto de relações que integram a Sra. Maria da Conceição em uma teia mais ampla, composta pelos representantes da administração pública e suas hierarquias funcionais. Uma indicação para ser também entrevistado, que revela um pouco dessa rede estabelecida pela Sra. Conceição na Praça, foi a do Sr. Antônio José Cruz, proprietário de uma pastelaria que está em funcionamento dentro do logradouro público desde 2005, mas que já vendia pastel na Avenida Bernardo Sayão desde 2003. Começando a atender os clientes a partir das 15 horas todos os dias o Sr. Antônio José Cruz conta com o apoio da filha Josiane Sousa e consegue gerar uma boa concentração nessa área onde atua relacionando-se não apenas com o público noturno, mas também com estudantes das escolas próximas que estudam pela tarde.

**Imagem 10** - Pastelaria do Sr. Antônio José Cruz



**Fonte:** Própria Autora (2016)

“A construção de conhecimento com base em informação de teor visual é um importante contributo para a compreensão sobre como os processos sociais se inscrevem no espaço.” (MENEZES, 2001, p. 8). Nesse sentido, faz-se importante citar que na foto apresentada, a pastelaria está com aparência antiga e cor azul, tendo sido modificada, a partir de um acidente ambiental ocorrido em março de 2017, ocasionado por uma forte chuva que derrubou uma árvore em cima do *trailer* danificando a estrutura e sendo necessária uma reforma no estabelecimento.

A imagem demonstra a localização da pastelaria, em frente a Rua 21 de abril e próxima ao Sorvete Expresso, Posto de Gasolina. A Rua 21 de Abril está localizada entre o segundo e terceiro quarteirão, conforme apresentada na foto, sai do padrão residencial e dispõe de alguns pontos comerciais que iniciam o atendimento a partir das 17 horas. Ao final da rua existem duas escolas, uma Escola Estadual de Ensino Médio e outra Municipal de Ensino Fundamental, podendo ser a razão da utilização do espaço pelos estudantes durante o dia.

É diante desta localização que a nossa conversa ocorreu em 06 de junho de 2018 depois de alguns contatos como cliente e vendedor, os quais facilitaram o diálogo, e de forma razoável consegui falar com a filha do proprietário, tendo visto

que assim que me aproximei da pastelaria e me apresentei informando que se tratava de uma pesquisa sobre a Praça, ela prontamente me atendeu, tomando a frente do seu pai. Logo depois, mesmo buscando contato com seu pai, este se mostrou envergonhado e pediu que a filha conversasse comigo.

Assim, orientada por Menezes (2011, p. 3-4) nosso objetivo ao entrevistar tal agente que se apropria e utiliza o local para comercialização de produtos é que possamos identificar suas práticas cotidianas de maior expressividade no ambiente, e como isso atua na dinamização do cenário.

Por outro lado, o ponto comercial do Sr. Antônio que foi indicada pela Sra. Conceição, demonstra a importância quanto a representatividade histórica ocasionada pela presença no local há mais de dez anos. A relação cotidiana com o cenário remete a ideia de algo produzido nas interações sociais que ocorrem dia após dia, conforme (GOFFMAN, 2013; SCHUTZ, 2012; WHYTE, 2005 *apud* PEREIRA 2016, p.2).

Diante da recusa do Sr. Antônio, entrevistei sua filha, Josiane Sousa, 30 anos, solteira, natural de Açailândia e moradora do bairro Vila Maranhão, funcionária pública municipal e que trabalha com o pai no lanche há 15 anos, desde os tempos em que vendiam em uma barraca ambulante ao lado da praça<sup>7</sup>. Ela explicou que a ideia de vender dentro da praça surgiu de um passeio que fizeram a Imperatriz, onde viram um homem vendendo pastel em um *trailer*. A mesma diz ainda que eles complementam a renda da família com esse trabalho cotidiano que é realizado entre as 15 e 23 horas.

---

<sup>7</sup>Transferiram-se para dentro do espaço somente depois da compra do *trailer* em 2005.

**Imagem 11 - Comerciante e Cliente**

**Fonte:** Própria Autora (2018)

Por meio da imagem 11 é possível notar que o *trailer* já se apresenta com a cor amarela decorrente da reforma, realizada por conta da queda da árvore em março de 2017. Apesar da tabela com preços e tipos de pastel (localizada dentro da pastelaria) ainda possuir o nome do antigo negócio (Pastelão Lanche) o estabelecimento passou a se chamar “Pastelão da Hora”. No momento de realização do registro, ocorria uma relação entre o Sr. Antônio e um cliente em torno da comercialização e preparação de um pastel, naquele ambiente em que o aparelho de televisão servia como um entretenimento durante o tempo de produção do lanche.

O cesto de lixo preso na lateral do *trailer* denota não só uma preocupação com a limpeza no local de vendas, mas também a relação estabelecida com os funcionários da prefeitura, já citada anteriormente. Sobre isso, Josiane me disse que eles foram orientados por um membro da Secretaria de Meio Ambiente a não colocarem lixo nos cestos localizados dentro da praça, mas recolhessem e colocassem em um saco plástico em frente ao ponto para ser coletado pelo carro do lixo.

Em conformidade com o que foi dito pela Sra. Conceição existe o cuidado da esfera pública com o ambiente, representado no cenário por um membro da

prefeitura municipal que se dirigiu até o local para orientar os comerciantes de dentro da praça na recolha dos resíduos produzidos pela venda de serviços ou produtos. Sobre o processo de mudança para dentro da praça, ela nos disse:

As vendas dentro da praça são melhores que fora, lá fora a gente vendia também, mas aqui melhorou as vendas porque houve um encontro de fluxos de pessoas, a gente começou a vender para quem passava às margens da Praça e para quem estava dentro dela (Entrevista com Josiane Sousa, dia 06 de junho de 2018 [sic]).

A percepção a respeito das localizações e fluxos pode ser compreendida como um tipo de conhecimento que surge de uma prática desenvolvida pela entrevistada ao longo dos anos. O que para qualquer pessoa poderia significar um espaço qualquer igual a tantos outros, é observado por Josiane segundo um itinerário de experiências atreladas à Praça da Bíblia. Um ponto comum entre os entrevistados é que eles afirmam que a Prefeitura não cobra taxas administrativas para exercício do comércio dentro da praça, talvez seja esse o fator que impulsiona a prática no espaço, sendo possível observar o crescimento gradativo no mesmo do número de barracas localizadas na área 1.

A maior expressividade se dá nos finais de semana quando em média dez barracas são montadas, já que durante a semana segundo as observações realizadas apenas cinco se fazem presentes no local.

No que se refere ao processo de apropriação e uso do local, este se inicia por volta das 17 horas onde são feitas algumas adaptações, seja na estrutura elétrica ao utilizarem a energia pública do local, conforme demonstrado na foto (imagem 13), que é utilizada no suporte do uso de utensílios necessários para a montagem das estruturas, na produção do lanche, assim como na iluminação das barracas e na montagem do *playground* para locação localizado no centro da praça.

Com a chegada dos vendedores além das barracas que são montadas com uma armação parecida com andaimes cobertos por lonas verdes e azuis, são montadas as mesas e cadeiras. Tais fatos indicam as estratégias usadas no uso e nas relações sociais.

Imagem 12 - Montagem de Brinquedos



**Fonte:** Própria Autora (2018)

Imagem 13 – Barracas, Comerciantes e Clientes



**Fonte:** Própria Autora (2018)

As imagens 12 e 13, produzidas no dia 24 de junho de 2018 representam bem um processo e conjunto de relações desenvolvidas entre o final de tarde e noite na Praça da Bíblia. Na primeira imagem há um conjunto de atores trabalhando na montagem de uma estrutura de um pequeno parque destinado ao consumo infantil, e na segunda imagem, tem-se o registro de uma criança interagindo com um vendedor de algodão doce, enquanto os adultos (no segundo plano da imagem) descansam e observam crianças em outras partes daquela área infantil.

Já na foto a seguir (Imagem 14) foi tirada no final de tarde (de 10 de outubro de 2016) nota-se uma caminhonete estacionada na lateral da praça que expressa o ponto de chegada pela rodovia; um carrinho de mão adaptado para venda de produtos; tenda da barraca de pastel fixada dentro da praça na lateral que dá acesso à rodovia; o homem de camisa escura logo atrás da barraca montando um brinquedo infantil, demonstrando a existência do público que utiliza seus serviços; a senhora sentada com touca na cabeça, faz pensar que trabalha com a venda de lanche, tendo em vista que o acessório utilizado por ela é comum no manuseio de alimentos.

Observa-se também mulher esperando a criança que está se divertindo no brinquedo instalado na praça. Considerando que assim como na foto anterior já havia a prática de lazer neste local, a senhora de cabelo grisalho que monta uma espécie de mesa ao lado de um carrinho em frente de uma pilha de cadeiras, dar a entender que serão utilizados para recepcionar quem buscar pelos seus serviços.

Percebe-se também um *trailer* localizado no início da praça atendendo as pessoas ao redor do estabelecimento; pessoas sentadas nos bancos; homem passeando com um bicho de estimação, um cachorro no canto e um vendedor ambulante acomodando a mercadoria.

**Imagem 12** - Os Tipos de Comércio na Praça



**Fonte:** Própria Autora (2016)

Em conformidade com as outras situações verificadas antes, a localização de acesso ao local via BR-010, e a área destinada ao consumo infantil parecem ter uma relação direta com as dinâmicas sociais e econômicas estabelecidas nesse lado da praça. Um aspecto curioso da imagem é a existência de uma barraca de pastel com o nome similar ao antigo *trailer*. Contudo, trata-se de um negócio recente de aproximadamente dois anos e meio ou três anos, e que é concorrente do Sr. Antônio.

Nesse viés de comerciantes novos, observou-se também que entre a praça e a Rua Boa Vista e 21 de Abril está localizado um automóvel do modelo Kombi onde são comercializadas refeições como a típica panelada, lasanha, cachorro quente entre outros. No dia 23 de junho de 2018 pude dialogar com a proprietária Sra. Josinete Pereira, moradora do bairro Vila Maranhão, natural de Açailândia-MA. Ela nos informou que está no local há um ano e meio e que aquele trabalho surgiu como uma alternativa no contexto de crise financeira. Ao ficar desempregada e

observar que naquele lugar havia muitas barracas e comércios, acreditou que poderia ser uma oportunidade de obter a renda família.

**Imagem 13** - Lanchonete Itinerante



**Fonte:** Própria Autora (2018)

Na imagem 15 é possível visualizar mãe e filha aguardando pela refeição, em uma mesa amarela, enquanto a Sra. Josinete Pereira manuseia os alimentos para as clientes. A situação do Pastelão e da Kombi de venda de refeição sinalizam um processo de aumento do número de comerciantes no espaço da Praça, que já havia sido comentado pela informante Sra. Conceição e que não pode ser dissociado de um fato estrutural relacionado à crise econômica, pela qual o setor da siderurgia de Açailândia, tem passado. Segundo o Cadastro Geral de Empregos e Desempregados (CAGED) <sup>8</sup> essa cidade apresentou um saldo negativo de 1.171 vagas de empregos em 2017.

Esse contexto mais amplo também se reflete na trajetória familiar de Cláudio David de Andrade Junior de 19 anos e natural do estado do Pará. Ele informou que reside no bairro Porto Seguro II (um pouco distante da praça, fica no sentido oeste

---

<sup>8</sup> Disponível em <<http://www.jornaldomaranhao.com/dos-217-do-maranhao-acailandia-foi-cidade-que-mais-perdeu-vagas-formais-em-2017/>> acessado em 27 de junho de 2018, as 23:00.

de quem vai para o Pará) e que trabalha dentro da barraca “Guloseimas.com/Caldos” há exatos três anos e dois meses (Imagem 16).

Imagem 14 - Cláudio servindo Caldo para um Cliente



Fonte: Própria Autora (2018)

Cláudio é filho do proprietário da barraca de caldos que fica na área da praça localizada para o lado da BR-010, e explica que a família foi toda trabalhar naquele lugar porque seu pai, que trabalhava em Parauapebas-PA, foi transferido para Açailândia-MA e demitido, pouco tempo depois. Todos os membros da família trabalham de forma revezada no local.

Sobre essa relação entre uma crise econômica na cidade e as praças, Low (2005) explica que é possível notar que o crescimento da segregação espacial e alterações na estrutura de classe também podem ser observados nas mudanças dos usos das praças. Assim pode-se refletir que a situação de Sra. Josinete Pereira, do proprietário do Pastelão e uma observação da Sra. Conceição de que estaria ocorrendo um aumento no comércio da praça, pode estar diretamente relacionado ao contexto mais amplo de crise e falta de oportunidades no mercado formal, reforçando a ideia de que a praça pode ser compreendida como um espelho da sociedade.

Nos relatos dos comerciantes anteriores ficou claro que não há cobrança de taxas para comercialização na praça, porém, segundo a Sra. Josinete Pereira

(entrevista realizada em 23 de junho de 2018), “dias antes (da nossa conversa), passaram por aqui um pessoal da prefeitura, vistoriando o local, talvez vão é cobrar uma taxa, é até melhor porque assim a polícia passa por aqui e vamos ter proteção”. Na fala da comerciante foi possível perceber a preocupação com a violência e o desamparo em relação à segurança pública no local, que também representa um sinal de crise urbana.

**Imagem 17** - Observação Distante



**Fonte:** Própria Autora (2018)

**Imagem 18** - Observação Próxima



**Fonte:** Própria Autora (2018)

Em relação aos mototaxistas, foi realizado primeiramente uma observação voyeurística (PEREIRA, 2016) com certo distanciamento que possibilitou obter a imagem 17. Depois de algum tempo presente foi possível obter maior confiança e conseqüentemente uma maior aproximação, que resultou na imagem 18.

Conforme as observações, o grupo se organiza com motos estacionadas em ordem pré-estabelecida de saída, voltadas para rodovia, geralmente, passam a maioria do tempo sentados nas motos, ou numa parte do alicerce da cobertura do ponto. O grupo dos mototaxistas com ponto fixo de embarque dentro da Praça, é favorecidos pelo fluxo de pessoas que trafegam pela praça e seus arredores, os transeuntes, assim como vizinhos e demais moradores da cidade que frequentam os lanches dentro da praça e no limite dela e os que vão praticar suas atividades desportistas cotidianas, partilhando espaço com os comerciantes ambulantes, os quais ficam dentro da praça indicando assim, uma característica ecológica no que concerne às relações entre os atores e o espaço urbano.

Desse grupo foi possível dialogar com o Sr. Manoel de Aguiar Carneiro Junior, que é natural de Açailândia, morador do Bairro Jardim de Alah e que trabalha como mototaxista na Praça da Bíblia, desde o ano 2001 das 7 da manhã às 20h da noite. Ele explica que quando chegou não havia um ponto de embarque e que por isso emparelhavam as motos às margens da Praça na BR, onde ficavam embaixo de uma árvore, a barriguda<sup>9</sup>, por causa da sombra, porque antes tinham poucas árvores e fazia sol onde eles ficavam não é como hoje cheia de sombra, diz o Sr. Manoel. Ele relata que até os pontos comerciais eram poucos e que o movimento foi aumentando com o passar dos anos. Assim, acha que o local pode ser considerado o melhor ponto para trabalhar, por ser uma praça que possui mais opções para atrair pessoas e gerar um movimento bom.

Como mencionado anteriormente o local também é ponto de encontro para a prática de caminhadas, corridas e exercícios funcionais (pular, correr, puxar, agachar, girar e empurrar).

**Imagem 15** - Pessoas Correndo e Caminhando pela Lateral Oeste da Praça



**Fonte:** Própria Autora (2017)

Nesse viés, foram entrevistados dois desportistas que utilizam o local para prática de corridas e caminhadas. O primeiro entrevistado foi Neldir Ribeiro, 32 anos,

---

<sup>9</sup>Árvore de grande porte localizada no começo da extremidade Sul, que na verdade trata-se de um Pé de Sumauma, plantado em fevereiro de 1968 pelos senhores José Alves e senhora Ana Alves, moradores da cidade desde 1962 quando vieram do Espírito Santo (NASCIMENTO, 2013).

natural de Açailândia, mora a duas quadras da Praça na Rua 7 de setembro, Centro, faz caminhadas à noite de segunda a domingo por questão de saúde e para aderir condicionamento físico. Escolheu o lugar por causa do movimento, mas ressalta que foi por causa da localização mesmo, “por ser perto de casa é mais cômodo”, depois é pelo ambiente ser bonito e ter mais gente que faz caminhada lá, procurou o local para a prática sozinho, sem indução de terceiros, costuma ir com uma amiga, mas neste dia estava sozinho.

Ele disse ainda que as barracas impedem as pessoas de caminharem porque alguns colocam no meio da praça, de qualquer jeito, e que fica muita gente, não tem como correr, e têm as crianças, além de ser perigoso, a gente correr e esbarrar em alguém. Ele reclama da infraestrutura da praça, diz que ela está cheia de buracos, o piso é irregular e que a toda hora alguém corre o risco de cair e dependendo do horário que ele vem não se pode caminhar por causa da quantidade de pessoas que ficam se esbarrando.

**Imagem 16** - A Disputa de Espaço entre Comerciantes e Desportistas



**Fonte:** Própria Autora (2018)

Essa “luta” por espaço, relatada pelo informante, pode ser observada na imagem 20 que demonstra duas territorializações bem definidas de comerciantes no lado esquerdo e desportistas, crianças e transeuntes no lado direito. Seguindo as orientações de Low (2005), a autora diz que é possível pensar em diferentes planos

e projetos para o espaço público, pois essas diferentes formas de uso representam diferentes concepções, itinerários e percepções do público. Concepção de apropriação privada do público, itinerários que passam pela experiência de desemprego e crise, ou de busca pelo equilíbrio físico e percepções que resultam dessas diferentes experiências e se manifestam nessas diferentes práticas no espaço público.

Ainda sobre a percepção de Neldir, ele nos informou que nos 5 anos em que caminha na praça observou que antigamente dava para caminhar tranquilo de 17 até 20 horas da noite sem problema algum, mas hoje em dia existe uma grande dificuldade de mobilidade, a partir das 17 horas, e que depois das 18 horas não há condições de andar porque o espaço fica lotado de barraquinhas. Ele relata: “Parece que todo mundo quer botar uma barraca na praça, tá tudo lotado de barracas e acaba que só valoriza o comércio e a gente que vem fazer caminhada fica desassistido”. Enfim, a situação de conflito de percepções traz a necessidade de se refletir sobre a função social das praças, seriam essas praças comerciais como as citadas por Park (1967) quando se refere à cidade moderna, ou seriam os locais de encontro com o diferente e “suporte de muitas apropriações, espaço de reconhecimento e sujeito a negociações?” (MAGNANI, 1991, p. 1).

Acreditamos que assim, como qualquer estrutura discursiva ela é resultado dessas negociações, e que embora exista uma ideologia de mercado é importante enfatizar que também é um espaço de educação, reprodução de história e produção da cidadania, já que também é possível se pensar a cidadania como fruto de práticas socioespaciais. Sobre isso, vale lembrar que:

O desafio do fortalecimento da cidadania para a população como um todo, e não para um grupo restrito, concretiza-se pela possibilidade de cada pessoa ser portadora de direitos e deveres, e de se converter, portanto, em ato corresponsável na defesa da qualidade de vida (JACOBI, 2003, p.197).

Se no início dos contatos com os entrevistados foi possível perceber certa rede de relações estabelecidas entre comerciantes, funcionários da prefeitura e clientes, a observação dos conflitos entre grupos levanta a necessidade de se refletir nas relações mais complexas entre grupos, como apontado por Jacobi, (2003) que mostra ainda a relação disso com uma prática cidadã, que poderia emanar se todos os usuários da praça se percebessem como corresponsável por algo coletivo maior

que os indivíduos. Retomando ao argumento de Magnani (1991) trata-se sempre de um processo de negociação.

Considerando essas tensões de percepção do público, pode-se considerar a praça como o local onde os itinerários individuais entram em contato com outras possibilidades de projetos e planos que podem ou não seguir o mesmo sentido. Assim convém ressaltar o itinerário da Sra. Janeth Lopes, que há 34 anos é moradora do bairro centro, na Rua Rio Grande do Norte e caminha na praça a mais ou menos dois anos, três vezes por semana - sempre no finalzinho da tarde. Ela explica que começou a prática por motivo de saúde, é hipertensa e o médico lhe receitou exercícios físicos. Também diz que escolheu a praça porque fica mais próxima de casa e porque o clima é agradável. Entretanto, verificou-se também que existem itinerários marcados pelo desemprego e que acabam encontrando na Praça uma forma de obter a sobrevivência da família.

Complexificando mais a situação, ainda é possível falar dos usos e práticas realizados pelos grupos religiosos. Para se ter uma noção, os evangélicos realizam eventos como o dia da Bíblia, e a Marcha pra Jesus<sup>10</sup> entre outros no referido espaço. Durante a pesquisa de campo foi possível observar duas formas de apropriação realizadas por Adventistas e Kardecistas, conforme demonstram as imagens 22 e 23:

**Imagem 18 - Adventistas**



**Fonte:** Própria Autora, (2018)

**Imagem 17 - Kardecistas**



**Fonte:** Própria Autora, 2018

<sup>10</sup>Manifestação religiosa pelas ruas da cidade com a participação de todas as Igrejas Evangélicas do município, culminando com louvor, orações e shows gospel em palco montado na Praça do Mercado. Disponível em: <http://www.amarcosnoticias.com.br/um-mar-de-gente-lota-ruas-e-avenidas-na-5a-marcha-para-jesus-em-acailandia/>> Acessado em: 29 de junho de 2018, às 17:00 horas.

Em conversa com Gleidson Ribeiro, 28 anos, natural de Açailândia, morador do bairro Jacu e líder do grupo desbravadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O mesmo relatou que grupo é formado por jovens de 10 a 15 anos, que se reúnem no local há mais de 10 anos, geralmente uma vez por semana para realizarem atividades físicas, sociais e recreativas, a fim de aprender e desenvolver habilidades, percepções e gosto pela natureza. O local foi escolhido pelo espaço físico e pelo fluxo de pessoas para realizar os ensaios de ordem unida (com a banda), competições esportivas e exposições afins.

Já a barraca de livros espíritas foi observada no dia 23 de junho. Ela estava sob a coordenação de Jeferson Dantas em comemoração à 21ª Jornada Espírita de Açailândia que ocorreu entre os dias 27 de junho a 01 de julho de 2018. Tratava-se de divulgar esse evento que iria acontecer na Avenida JK s/n, no bairro Jardim América. Na oportunidade ele nos contou que a exposição ocorre em um supermercado da cidade e na Praça da Bíblia, e os livros expostos pertencem à biblioteca do Centro Espírita.

Foi observado que todas as manifestações e demarcações estavam relacionadas a determinados grupos que se valiam da característica de centralização da praça para buscar suprir determinadas necessidades, relacionadas à saúde, obtenção da renda familiar, lazer, busca de membros para instituições religiosas, etc. A Praça da Bíblia é escolhida para realização das manifestações devido à centralidade promovida pela localização na Avenida, às margens da rodovia, em divisa com alguns bairros da cidade, como: Jacu, Vila Maranhão, Laranjeiras e Centro, onde tem um pequeno palco ao Sul que comumente é usado para realização dos eventos. Por estas razões o local dá visibilidade às ações desenvolvidas no local.

## 5 CONCLUSÃO

Em uma análise micro e meso sobre a Praça da Bíblia pode-se pensá-la como um conjunto de relações que dialogam entre si de modo natural, a partir do convívio, e isso se dá pelo compartilhamento no mesmo ambiente. Diante disso, o processo classificatório e o de identidade dos atores que constituem o espaço estão diretamente ligados ao papel desempenhado no local, e ao agrupamento de determinados serviços que buscam satisfazer o interesse de diferentes atores.

Nesse sentido, a Praça da Bíblia é escolhido pelos grupos que a compõe por causa do espaço agradável promovido pelo cuidado ambiental, além da centralidade de localização, pois a mesma localiza-se em uma Avenida, às margens da rodovia, em divisa com alguns bairros da cidade, como Jacu, Vila Maranhão, Laranjeiras e Centro, sendo, portanto, um ponto fácil de chegada e por isso, se integra à economia local, visto que a apropriação comercial nessa localidade surge como uma alternativa para as pessoas adquirirem renda, diante da crise econômica da cidade.

Visto ISS, a importância do espaço físico no processo de dinamização do cenário foi fundamental, tendo em vista que a localização da Praça foi de grande relevância para que fosse fixada uma espécie de base territorial, podendo ser observada como a principal responsável pela dinâmica no cenário em destaque. Considerando que a centralidade é pensada em situações nas quais as comunidades urbanas são formadas, e que quando os grupos se reúnem e estabelecem um vínculo territorial com o espaço que ocupam, dão suas características à paisagem, constituindo assim, um cenário híbrido.

Com base nos dados obtidos durante a realização da pesquisa, constatou-se que o perfil socioespacial da Praça ao longo dos seus dezoito anos foi dinamizado, a partir da chegada de grupos, como o dos comerciantes, que de acordo com as observações e informações adquiridas, é o grupo que interage com os demais grupos por estar cotidianamente no local. Como consequência da relação de convívio esse grupo tornou-se fixo no local, fazendo parte da paisagem e consequentemente interferindo na moldura do espaço a começar da dinâmica desenvolvida por eles na relação desenvolvida entre cliente e vendedor, dando

novos significados à análise desse local, que geralmente é compreendido apenas como ponto de encontro, quando na verdade, não deixa de ser a representação das ações cotidianas dos agentes e das suas relações, sendo de grande importância para a sociedade açailandense.

Portanto, é possível compreender a história, as sociabilidades e as formas de apropriação e uso dos espaços públicos da cidade de Açailândia, a partir da Praça da Bíblia, por se tratar de um dos locais democráticos nos quais a sociedade tem acesso e faz diferentes usos conforme sua necessidade, física, espiritual ou fisiológica, não sendo apenas uma praça, mas um lugar rico em diferenças que se relacionam, demonstrando o movimento social que ocorre nele, e assim, transformando-o em lugar de sociabilidade e trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998. Disponível em: <https://gambiarre.files.wordpress.com/2010/09/michel-de-certeau-a-invinc3a7c3a2o-do-cotidiano.pdf>. Acesso 5 mai. 2018.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, A. L. C. **Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana**. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2001. 25 f. (Iluminuras; n.44). Disponível em: [seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9160](http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9160). Acesso: 5 mai. 2018.

FREYRE, Gilberto. **O Engenho e a praça; a casa e a rua**. In: FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Global, 2004. Disponível em: <https://gruponsepr.files.wordpress.com/.../livro-completo-sobrados-e-mucambos-gilberto>. Acesso: 8 mai. 2018.

IBGE - 2015. **Censo Demográfico de 2015**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao município de Açailândia, fornecidos em meio eletrônico. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/acailandia>. Acesso 10 mai. 2018.

JACOBI, Pedro Roberto. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas). São Paulo, n. 118, p. 189-205, mar. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n118/16834.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.

LOW, Setha. **"Transformaciones del espacio público em La ciudad latinoamericana"**. *Enbifurcaciones* [online]. núm. 5, verano 2005. World Wide Web document, URL: <[www.bifurcaciones.cl/005/Low.htm](http://www.bifurcaciones.cl/005/Low.htm)>. ISSN 0718-1132.

LOW Setha. **On the Plaza: The Politics of Public Space and Culture**. Austin: University of Texas Press, 2003.

MAGNANI, José Guilherme C. **A Rua Quinze, de praça a praça: um exercício antropológico**. PUC, São Paulo, 1991. Disponível em: [nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua\\_quinze.pdf](http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua_quinze.pdf). Acesso: 15 mai. 2018.

MARMANILLO, Jesus. **A cidade na perspectiva durkheimiana: Notas sobre a modernidade e morfologia social. Sociabilidades Urbanas** – Revista de Antropologia e Sociologia, v.1, n.2, p. 137-150, julho de 2017. ISSN 2526-4702. Disponível em: [www.cchla.ufpb.br/grem/sociabilidadesurbanas/SocUrbs%20MARMANILLOartigo.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/grem/sociabilidadesurbanas/SocUrbs%20MARMANILLOartigo.pdf). Acesso: 22 mai. 2018.

Mayara Gonzalez de Sá Lobato, « **Etnografia de uma praça – observando o idoso em Copacabana** », Ponto Urbe [Online], 9 | 2011, posto online no dia 01 Dezembro 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/210>. Acesso 20 mai. 2018.

MENEZES, Marlucci. **Das metodologias visuais à uma perspectiva interdisciplinar de abordagem das práticas sociais**. XVI Congresso Brasileiro de Sociologia. Laboratório de Engenharia Civil. Curitiba. 2011.

NASCIMENTO, Evangelista M. **Açailândia e sua história**. Ed. Ética. Imperatriz/MA. 1998.

\_\_\_\_\_. **Maranhão, Açailândia e sua história**. Gráfica Brasil. Imperatriz/MA. 2008.703p.

\_\_\_\_\_. **217: Literatura, histórias, contos, crônicas e poesia de cordel para todas as idades e gostos**. Açailândia/MA. 2013. 960p.

PARK, Robert E. 1967. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". In: Otávio G. Velho (org.). 1967. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 29-72. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000222&pid=S0104](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000222&pid=S0104). Acesso: 15 mai. 2018.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. **Muitos caminhos levam a Praça ou a Praça leva a muitos caminhos? Uma narrativa sóciohistórica a partir da Praça de Fátima Imperatriz, MA**. RBSE, v. 14, p. 73-86, 2015. Disponível em: [www.cchla.ufpb.br/rbse/JesusArt.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/rbse/JesusArt.pdf). Acesso 23 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. **O QUE SE VÊ E O QUE SE APRENDE: Educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**. InterEspaço Grajaú/MA v. 2, n. 6 p. 253-272 maio/ago. 2016. Disponível em: [www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/viewFile/.../4158](http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/viewFile/.../4158). Acesso 20 mai.2018.

\_\_\_\_\_. **Cotidiano dos grupos na Praça de Fátima: aspectos ecológicos e interações face a face no centro de Imperatriz – MA**. Tessituras, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 113-139, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/9889>. Acesso; 25 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. **Uma Praça chamada Brasil: cotidiano urbano imperatrizense nos territórios da Praça**. Visagem. Belém, vol. 1, n. 2, p. 215-234, julho/dezembro 2015b. Disponível em: [www.ppgcs.ufpa.br/revistavisagem/edicao\\_v1\\_n2/.../uma-praca...brasil/6\\_jesus\\_pdf](http://www.ppgcs.ufpa.br/revistavisagem/edicao_v1_n2/.../uma-praca...brasil/6_jesus_pdf). Acesso 25 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. **Por lasplazas, calles e avenidas Limeñas. Espaço, tempo e percepções cotidianas na capital peruana**. RBSE. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção (Online), v. 11, p. 428-457, 2012.

\_\_\_\_\_. **Interações Fotoetnográficas: O “Eu” e o “Outro” na praça de Fátima - ITZ**. Iluminuras, Porto Alegre, v. 16, n. 39, p. 226-242, jan./ago. 2015a. Disponível em: [www.repositorio-bc.unirio.br:8080/.../bitstream/.../Casa%20de%20Saúde%20Indígena](http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/.../bitstream/.../Casa%20de%20Saúde%20Indígena). Acesso: 26 mai. 2018.

PRIMO, Ariel C. **Panorama Histórico de Açailândia**. 1987. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/acailandia>. Acesso: 24 mai. 2018.

VELHO, Gilberto. **“Observando o familiar”**. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). **A aventura Sociológica: objetividade, paixão improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/.../VELHO%2C%20Gilberto.%20Observando%20o%20familiar>. Acesso: 23 mai. 2018.

VIERO, Verônica C.; FILHO, Luiz C. B. **Praças Públicas: origem, conceitos e funções**. Jornada de Pesquisa e Extensão. Santa Maria/RS, 2009. Disponível em: [www.gvaa.com.br/revista/index.php/INTESA/article/viewFile/3225/2740](http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/INTESA/article/viewFile/3225/2740). Acesso: 15 mai. 2018.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - Placa de inauguração da Praça

